



GT 07. Antropologia da Técnica

Coordenador(es):

Jeremy Paul Jean Loup Deturche (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

Júlia Dias Escobar Brussi (UFOPA - Universidade Federal do Oeste do Pará)

Sessão 1

Debatedor/a: Carlos Emanuel Sautchuk (UnB)

Sessão 2

Debatedor/a: Eduardo Di Deus (UNB - Universidade de Brasília)

Sessão 3

Debatedor/a: Fabio Mura (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

A 4ª edição deste GT busca dar continuidade às reflexões e discussões iniciadas na 29ª RBA, além de seguir contribuindo para a ampliação do interesse pelo tema e a consolidação desta área de estudos na antropologia brasileira. Quando tratamos de técnica no sentido maussiano, como « ato tradicional eficaz », é necessário, seguindo Sigaut, sempre lembrar que não temos acesso direto às técnicas em si. O que vemos são pessoas fazendo coisas. Nesse sentido, este GT tem um interesse particular nas mais diversas práticas e fazeres, que implicam na interação entre humanos e não-humanos (artefatos, plantas, animais, minerais e ambiente de modo geral) e envolvem habilidades, escolhas, hierarquias e transformações. Tais fazeres parecem ser uma chave importante para o entendimento das diferentes formas de se « estar no mundo », não dentro de uma ótica estritamente materialista, mas na perspectiva da produção de conhecimento, ou do habitar o mundo. A partir de uma abordagem dos processos técnicos se busca apreender como « se pensa com a mãos » e refletir sobre esses fazeres em sua dimensão social, inseridos em composições sociotécnicas e políticas complexas. Considera-se, assim, de grande relevância os trabalhos que dialoguem com essas temáticas e que privilegiem aspectos etnográficos e análise descritivas de processos técnicos.

O que é o especial do café? Uma análise das lógicas de uso das técnicas utilizadas na colheita do café e seu acionamento discursivo nos chamados ?cafés especiais?

Autoria: Lidia Maria Reis Torres (UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas)

O Brasil é o maior produtor de café do mundo, em linhas gerais, isto significa que o grão está atrelado não só às paisagens geográficas do país, mas também aos seus aspectos políticos, econômicos e sociais. Recentemente, pesquisas apontam para o crescimento do consumo e, conseqüentemente, da produção dos chamados ?cafés especiais? no mercado brasileiro. Algumas das principais marcas de cafés, por exemplo, têm lançado linhas de ?cafés especiais? que ressaltam a participação das mulheres na produção daqueles grãos que estão sendo ali comercializados, e destacam como isto diferencia o produto frente aos demais. Outras linhas, além de destacar que o ?cuidado feminino? com o café é um diferencial, também ressaltam que o café é diferente por ser fruto de work manual. Esta apresentação é decorrente de uma pesquisa de mestrado, ainda em elaboração, desenvolvida na área de Antropologia Social na Universidade Estadual de Campinas. No artigo, procurarei analisar os papéis de gênero por trás da colheita do café em fazendas do sul de Minas Gerais, e o farei metodologicamente através da descrição das técnicas utilizadas na colheita. O objetivo não é seguir as técnicas em si, mas entender suas lógicas de uso e articulações com outras categorias sociais, como gênero, corporalidade e mobilidade, por exemplo. Para Milton Santos, a principal



relação entre o homem e o meio é a técnica. Para o autor, dentre vários pontos levantados em seus works, com a técnica, os homens também criam espaços geográficos, quase sempre desiguais. Ele destaca ainda que as técnicas são uma medida do tempo, por exemplo, na divisão territorial do work. Em works de campo recentes, pude perceber que a maneira com que homens e mulheres se organizam na colheita do café é diferente e fluida. Já que entre mulheres migrantes e não migrantes também é diferente a maneira de trabalhar, desde a escolha de seus instrumentos de work até à maneira de usá-los. Não foram poucas as falas das mulheres apanhadoras de café que me disseram que a escolha dos instrumentos de work, das fazendas em que escolhem trabalhar, variam entre àqueles que doem menos o corpo ou que dão à elas maior autonomia. Como na colheita do café, corpos se organizam, se diferenciam, trabalham, e como tudo isso é perpassado e pode ser observado através das técnicas de work utilizadas na colheita? Como com o crescimento dos cafés especiais? às vezes as técnicas são acionadas para caracterizarem o produto, como por exemplo, dizendo que o work é totalmente feminino, ou manual? Como técnica, tempo, corpo e a criação de espaços geográficos se relacionam? São algumas das perguntas a serem desenvolvidas na apresentação deste work.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: